



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 12, v. 1 nov.2019-abr.2020
p. 455-467.

Fazendo gênero, fazendo enunciados: discursos sobre a homofobia na escola¹

Marcelo Victor da Rosa²

Antônio Carlos do Nascimento Osório³

Kleber Prado Filho⁴

Guilherme Rodrigues Passamani⁵

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo investigar os enunciados que formam discursos científicos sobre a temática da homofobia, em especial na educação escolarizada, a partir da análise dos trabalhos completos publicados no Seminário Internacional Fazendo Gênero. A pesquisa teve como base princípios teóricos e metodológicos foucaultianos. A partir do lançamento do Programa Brasil sem Homofobia, que ocorreu em maio de 2004, a homofobia passou a se configurar como uma problemática, ganhando visibilidade neste campo discursivo. Localizamos no campo estudado a produção de embate de posições epistemológicas opostas ao uso e o não uso dos enunciados de opção sexual/orientação sexual, tolerância e *bullying*.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia. Gênero. Educação. Discursos. Enunciados.

Abstract: This study investigates the statements that form scientific discourses on the subject of homophobia, particularly in school education, from the analysis of the complete works published from the international seminar "Fazendo Gênero" (Gender Production). The research tools were the Foucauldian theoretical and methodological principles. Starting from the introduction of the federal program entitled "Brazil without Homophobia" (Brasil sem Homofobia), which occurred in May 2004, homophobia was set up as a problem and received visibility in this discursive field. The studied field presents the production of clashing epistemological positions opposed to the use and non-use of the statements on sexual-option/sexual-orientation, tolerance and bullying.

Keywords: Homophobia. Gender. Education. Discourses. Statements.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo investigar los enunciados que forman discursos científicos sobre la temática de la homofobia, particularmente en la educación escolarizada, a partir del análisis de los trabajos completos publicados en el Seminario Internacional "Fazendo Gênero" (Haciendo Género). La investigación se basó en los principios teóricos y metodológicos de Foucault. Desde el lanzamiento del Programa Federal "Brasil sin Homofobia" (*Brasil sem Homofobia*), que ocurrió en mayo de 2004, la homofobia pasó a configurarse como una problemática, ganando visibilidad en este campo discursivo. En el campo se estudió la producción de embate de posiciones epistemológicas opuestas al uso y el no uso de los enunciados de opción/orientación sexual, tolerancia y bullying.

Palabras clave: Homofobia. Género. Educación. Discursos. Enunciados.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Código de Financiamento 001.

² Professor Adjunto III no curso de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Educação pela UFMS. Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Estudos Culturais), UFMS - Campus de Aquidauana. E-mail: marcelovictor26@hotmail.com

³ Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Orientador nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia da UFMS. E-mail: ac-osorio@hotmail.com

⁴ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor aposentado do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente professor efetivo da Fundação Universitária Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP) em Caçador, Santa Catarina, nos cursos de Pós Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e do Mestrado Profissional em Educação Básica.

⁵ Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), atuando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Recebido em 18/01/19
Aceito em 02/10/19

1. Introdução

Tivemos por objetivo investigar os usos e não usos dos enunciados que formam discursos científicos sobre a temática da homofobia, particularmente, na educação escolarizada a partir da análise dos trabalhos completos apresentados em diferentes simpósios temáticos no Seminário Internacional Fazendo Gênero (SIFG). Tal escolha levou em consideração que esse seminário é considerado pelos(as) estudiosos(as) de gênero/sexualidade um dos mais importantes espaços para o debate dessa temática pela comunidade acadêmica, inclusive internacional.

Partimos do entendimento que a homofobia não se enquadra em uma definição fixa e totalmente fechada. Acreditamos que a homofobia é direcionada aos homens, pois não é um conceito, tipo guarda-chuva, que abarca todo o tipo de preconceito, discriminação e violência movida por questões pertinentes às sexualidades.

Dessa forma, outros enunciados tais como lesbofobia, transfobia, bifobia, dimensionam uma prática social na qual sua sustentação tem como pilares a relação entre preconceito-discriminação-violência, para com as lésbicas, transexuais e bissexuais, uma vez que não se isolam, mas se agregam e, na medida do possível, se fortalecem e se revigoram em nosso cotidiano desde as práticas brutais até as mais sutis. Por outro lado, a LGBTTTQIAfobia (Lesbofobia, Gayfobia, Bifobia, Bigênerofobia, Transfobia, Travestifobia, Tansgênerofobia, Queerfobia, Intersexofobia, Aliadofobia e Assexofobia) se constitui como uma alternativa no sentido de abarcar em um único conceito diferentes formas de preconceito-discriminação-violência movidas por questões de ordem sexuais.

Temos ainda outros dois pontos fundamentais. O primeiro é que a homofobia não é direcionada apenas aos homossexuais, pois heterossexuais e bissexuais também podem ser capturados por ela, uma vez que ela está intimamente ligada à existência de uma heteronormatividade, ou seja, há um padrão instituído do que é ser homem/heterossexual no qual os próprios heterossexuais podem não se enquadrar e os homossexuais, por sua vez, podem ser admitidos.

O segundo diz respeito ao uso do sufixo “fobia” na formação da palavra homofobia. Historicamente, esse sufixo é ligado a fatores como medo, doença, emoção e/ou algum tipo de síndrome, possibilitando, dessa forma, que o conceito de homofobia seja marcado por questões



de cunho biológico e médico, afastando-se, assim, de uma leitura histórica, social e cultural ao qual privilegiaremos aqui.

Enfatizamos que continuaremos utilizando o enunciado homofobia, principalmente, porque os movimentos sociais e as políticas direcionadas à população LGBTTTQI (lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros, *queers* e intersexuais) se apropriaram dele. Além disso, o seu não uso pode, de alguma forma, fragilizar a luta dos movimentos sociais e das políticas LGBTTTQI.

Dito isso, é importante mencionar que os resultados aqui discutidos fazem parte de uma pesquisa maior, realizada durante o curso de doutorado em educação de Marcelo Rosa (2016), que analisou vários campos de investigação. Para os limites desse artigo, trataremos de alguns enunciados produzidos no SIFG.

Organizamos esse trabalho em duas partes: em um primeiro momento, iremos apresentar um pouco do nosso campo de investigação. Alinhado a isso, trataremos o entendimento de análise do discurso a partir do referencial foucaultiano. Em um segundo momento, discutiremos alguns enunciados que tencionam os jogos de poder presentes na construção do saber sistematizado no SIFG no que diz respeito à homofobia na escola.

2. O campo de investigação e as aproximações com as reflexões foucaultianas

Essa pesquisa⁶ se configura como análise de discursos. Para Michel Foucault (1988), o ponto principal de análise quando se investiga a sexualidade não está centrada na repressão sexual e ou leis de proibições, mas sim nas condições de exercício de poder via sexualidade. Condições que não são geradas por um sistema estrutural de dominação geral, mas que, ao contrário, são capilares, resultantes de jogos complexos de forças e verdades sobre o sexo.

Foucault (1988, p. 95-96) trata sobre os discursos em termos de articulação saber × poder, afirmando que: “[...] deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme e nem estável”. Ele argumenta que o discurso é múltiplo e é composto por diferentes estratégias, bem como: “[...] veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”.

⁶ Comitê de Ética sob o Número CAAE 46180515.6.0000.0021.



A partir desses princípios e noções que compõem a análise dos discursos, Foucault entende que tal análise se configura em dois conjuntos analíticos: o primeiro é o crítico em que:

[...] põe em prática o princípio da inversão: procurar cercar as formas da exclusão, da limitação, da apropriação de que falava há pouco; mostrar como se formaram para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas. (FOUCAULT, 1999, p. 60)

O outro conjunto é o genealógico, em que:

[...] põe em prática os três outros princípios: como se formaram, através, apesar, ou com o apoio desses sistemas de coerção, séries de discursos; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições de aparição, de crescimento, de variação (FOUCAULT, 1999, p. 60)

O uso metodológico do discurso, tendo como referencial os escritos de Foucault, não pode engessar o discurso com conceitos padronizados, nem com modelos de análise preestabelecidos. Dessa forma, distancia-se de modelos tipo fluxogramas e/ou quadros analíticos que apresentam esquemas prontos, independentes do campo de análise ao qual está sendo produzido.

Para realizar a análise dos discursos científicos acerca da problematização da homofobia no campo educacional, procuramos analisar os enunciados que formam tais discursos. Por isso, fez-se importante trazer à tona como Foucault pensa o enunciado.

Segundo Foucault (2008, p. 90), “[...] enunciado é a unidade elementar do discurso”. Contudo, o autor alerta seus leitores sobre o risco de se querer definir o enunciado. Ainda complementa que:

Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008, p. 98)

Outro alerta que Foucault (2008) nos traz é que não devemos focalizar a análise dos discursos na relação entre o autor e a descrição completa de seus escritos, afinal, o que este falou certamente se deu a partir de condições reais e concretas, que são o solo para que o dito e o não dito sejam fortalecidos e disseminados socialmente, formulando a posição do sujeito no discurso.



Com isso, Foucault (2008) deixa evidente que não existe neutralidade na exposição de um enunciado e que este não é formulado idiossincriticamente, ou seja, existe uma pluralidade de enunciados que se articulam, porém também se diferenciam. A partir de jogos enunciativos de saber-poder os enunciados desempenham seu papel.

Justamente por isso, no momento em que, nas análises, os diferentes enunciados forem apresentados aos(às) leitores(as), a descrição, segundo Foucault (2008), não deve buscar encontrar e interpretar um núcleo interior explicativo teleológico, que daria conta das razões lógicas do enunciado em questão. Ao contrário, deve-se investigar as reais condições materiais que possibilitaram sua existência e o seu acúmulo na história, que ocorrem por um conjunto de signos e que se articulam com outros enunciados.

Esses outros enunciados são singulares. Mesmo que comparando um com outro possamos encontrar palavras e frases idênticas, elas não são as mesmas. (FOUCAULT, 2008) Isso pode ser facilmente percebido quando analisamos a homofobia. Ainda que se trate da mesma temática, os enunciados se dão a partir de diferentes signos, como por exemplo, religiosos, médicos, antropológicos, entre outros, ganhando, assim, diferentes significados⁷.

O que está em questão na análise dos campos são as relações de saber-poder-subjetividade (eixos metodológicos foucaultianos) que se constituem pelo movimento, possibilitando uma leitura cartográfica da problematização investigada. Durante nossa pesquisa, em nosso campo de análise, encontramos no site⁸ do evento os anais eletrônicos a partir do quarto encontro, que ocorreu no ano 2000. Para a coleta dos dados, utilizamos os seguintes descritores: homofobia, homossexualidade e sexualidade.

Após uma primeira busca dos trabalhos completos, a partir desses três descritores, foram identificados quais publicações tinham como foco a educação escolarizada para então compor as análises. Por uma questão de foco, iremos discutir apenas os resultados do descritor homofobia. Abaixo, o Quadro 1 traz o panorama dos trabalhos encontrados.

⁷ É importante destacar que ao nomearmos os locais em que os enunciados foram analisados como campo discursivo, estamos nos referindo à relação tempo-espço, mais exatamente como uma geopolítica dos discursos, que empregam algumas metáforas espaciais como campo, por exemplo.

⁸ Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605. Acesso em: 2 jan. 2020.



Quadro 1 – Distribuição das temáticas por Edição e Simpósio Temático (ST)

Edição e Ano	ST	Quantidade de trabalhos sobre Homofobia no contexto escolar
8º – 2008	ST 5 – Cidadania e violência na educação: questões de corpo e gênero.	2
8º – 2008	ST 10 – Educação Infantil e relações de gênero.	1
8º – 2008	ST 46 – Homossexualidades no Brasil contemporâneo: práticas, saberes e experiências.	1
8º – 2008	ST 51 – Gênero e sexualidade nas práticas escolares.	2
9º – 2010	ST 19 – Educação sexual nas escolas: um debate sobre experiências, inovações, preconceitos, desafios, dificuldades, facilidades e avanços (entre outros aspectos).	4
9º – 2010	ST 28 – Formação de professoras(es): a importância das questões de gênero e sexualidade.	1
9º – 2010	ST 37 – Gênero e sexualidade nas práticas escolares.	1
9º – 2010	ST 42 – Gênero, Direito e Psicanálise: interfaces, deslocamentos e traduções nos modos de subjetivação contemporâneos.	1
9º – 2010	ST 47 – Homossexualidades no Brasil contemporâneo: práticas, saberes e experiências.	1
9º – 2010	ST 58 – Novas Perspectivas sobre Direitos Humanos: reconfigurações teórico-metodológicas, novos atores e processos no cenário internacional e perspectivas para o contexto brasileiro.	1
9º – 2010	ST 67.1 – Sexualidades em diversidade.	1
9º – 2010	ST 76.1 – Violência e gênero.	1
10º – 2013	ST 036 – Educação, sexualidade, gênero e juventudes.	2
10º – 2013	ST 056 – Gênero e práticas corporais e esportivas.	1
10º – 2013	ST 073 – Geografias, gêneros e sexualidades.	1
10º – 2013	ST 080 – LGBTT e escolas.	2

Fonte: Elaboração própria (2016)



Em relação aos dados encontrados, do primeiro SIFG realizado de 1994 até 2013, somente a partir do oitavo seminário, ocorrido em 2008, é que a temática homofobia na educação escolarizada emerge com maior densidade de investigações.

Não iremos apresentar e analisar os trabalhos investigados em ordem cronológica, pois os discursos não são da ordem da continuidade. Além disso, focalizamos nesse artigo apenas os(as) autores(as) que divergem no uso e não uso de alguns enunciados nos estudos da homofobia na educação escolarizada.

3. Jogos de poder na construção de saberes sobre a homofobia no Fazendo Gênero

Um dos enunciados que estão em “disputa” no campo investigado é o uso ou não uso do enunciado orientação sexual. Em sua pesquisa acerca da sexualidade nas escolas, Arianna Sala e Miriam Grossi (2013) criticam o uso do enunciado de orientação sexual, pois o principal discurso que o fundamenta é uma compreensão essencialista da sexualidade, que a vincula à natureza biológica e psíquica das pessoas. Essa naturalização cristaliza a homossexualidade em uma essência que retira do sujeito qualquer condição de escolha.

As autoras então preferem usar o enunciado opção sexual, pois o que o fundamenta é justamente a possibilidade de escolha, nesse contexto a sexualidade é fluida. Sala e Grossi (2013) analisaram os discursos contra a violência heterossexista produzidos por adolescentes brasileiros(as) no marco do Projeto Papo Sério no estado de Santa Catarina e constataram o uso predominante de 80% da ideia de opção ou de escolha sexual e 20% usou a orientação sexual. Contudo, no momento de identificar o sujeito, a maioria dos adolescentes preferiu usar “pessoas/seres humanos” ao invés de especificar as escolhas sexuais de grupos específicos como os homossexuais, as lésbicas, os(as) bissexuais e os(as) transexuais.

Ainda é forte o uso do enunciado orientação sexual quando são veiculados os problemas de investigação científica na área educacional publicados no SIFG. A título de exemplificação temos Leonardo Souza et al. (2010) que investigaram a homofobia na escola a partir do olhar dos(as) professores(as) e que usam em seu texto o enunciado de orientação sexual, no sentido de não se tratar de uma escolha (opção), mas sim, por uma forma de existência do sujeito em relação a sua sexualidade.



O segundo enunciado que está em tensão sobre o seu uso ou não uso é a tolerância. Voltamos ao trabalho de Sala e Grossi (2013) que verificou nos adolescentes investigados a prevalência do uso do discurso a favor da igualdade na diferença. Entre eles, 24% pediram respeito e o enunciado de tolerância não foi encontrado na produção discursiva dos(as) adolescentes catarinenses investigados(as). Para Sala e Grossi:

Mais concretamente, achamos que fala de tolerância quem se situa dentro de um grupo majoritário que serve de referência, e que é o suficientemente ‘bondoso’ como para aceitar, tolerar os desvios da norma (não brancos, não heterossexuais, não cristãos...). Tolerância, é reconhecimento simplificado do outro, é reforço do sentimento de superioridade; significa suportar, mais não respeitar a existência do outro e de seu pensamento, sentimento ou escolha diferentes. (SALA, GROSSI, 2013, p.7)

Em relação aos trabalhos publicados no SIFG, alguns autores(as) utilizaram o enunciado de tolerância para fundamentar suas análises rumo a uma sociedade tolerável às diferentes sexualidades, como: Luciene Santos e Ana Silva (2008), Luiz Gonçalves (2010), João Rocha Filho (2010), Morjana Peçanha e Fabiano Devide (2010) e Adelaine Santos et al. (2013).

A título de exemplificação temos as publicações de Santos et al. (2013) e Rocha Filho (2010). Santos et al. (2013) destacam que a intolerância, agressões físicas e verbais direcionadas aos colegas homossexuais geram exclusões. Rocha Filho (2010) se apropria do conceito de tolerância para propor harmonia entre as diferentes opções sexuais no ambiente escolar e social. Para tanto, isso só será possível quando a cadeia simbólica sexo-gênero-sexualidade for discutida e superada socialmente. Enquanto o homossexual for visto como desvio da norma do gênero masculino, essa harmonia encontrará barreiras na escola.

Um terceiro enunciado criticado no SIFG é o de homofobia, que já foi criticado pelos autores desse artigo na introdução. Para além das justificativas já mencionadas para o seu não uso e/ou crítica de seu uso podemos acrescentar as contribuições de Jorge Gato et al. (2010), que preferem usar o enunciado de homossexismo. Para esses autores homossexismo seriam os estereótipos ligados à masculinidade/gênero, inflexíveis e que resultariam em homopreconceito, que seriam as diferentes discriminações direcionadas aos homossexuais, praticadas, principalmente, por homens. Entretanto, como também já mencionamos, esses argumentos ainda não resultaram no não uso do enunciado de homofobia, que é hegemonicamente usado nas publicações investigadas no SIFG.



O quarto e último enunciado que trataremos aqui é o uso e não uso do enunciado *bullying*.

Segundo Peçanha e Devide (2010), diante do *bullying*, segundo os professores (seus(as) informantes), a principal estratégia foi trabalhar o respeito mútuo. Os autores visualizaram uma contradição, pois a maioria dos professores disse desconhecer a expressão *bullying*, entretanto todos responderam que já presenciaram o fenômeno em suas aulas, sendo que o apelido foi a ação mais utilizada pelos alunos(as).

Peçanha e Devide (2010) sugerem que todos os professores deveriam receber treinamento para saber lidar com o *bullying* homofóbico, o que provocaria uma redução de sua incidência.

Já Gabriela Diaz e Mériti Souza (2010) problematizaram o conceito *bullying* utilizado para caracterizar o fenômeno da violência no contexto social/escolar, pois alguns estudos se apropriam deste enunciado para analisarem a homofobia na escola, como por exemplo, no SIFG além de Peçanha e Devide (2010), temos a investigação de Anderson Ferrari (2008).

Essa problematização parte da crítica ao fenômeno da violência como concebida por meio de uma polaridade entre vítima e agressor. Nessa equação, a vítima é fraca e o agressor possuidor de um poder (forte), desta forma, para Diaz e Souza (2010), a violência se naturaliza. É nesse sentido que Diaz e Souza complementam:

Entendemos que problematizar o denominado *bullying escolar* e o *bullying homofóbico* como fenômenos associados à violência e não reconhecimento do outro, amplia as possibilidades de análise e as consequentes implantação de ações (sic) que possam desestabilizar a proliferação desses fenômenos. Assim, entendemos a importância de relacionar os pressupostos de fundação do Estado Moderno e de legitimação da violência na constituição da civilização, do Direito, e da subjetividade, conforme postos pela modernidade e suas instituições sociais e jurídicas. Verifica-se que há desde a perspectiva do Estado de Direito Moderno, bem como, do conceito *bullying*, a naturalização da violência e sua justificativa como intrínseca às relações sociais, o que fornece ferramentas para sua reprodução e reforça o fenômeno que se pretende combater. (DIAZ; SOUZA, 2010, p.3, grifos do autor)

Influenciadas pela formação da área da psicanálise, as autoras criticam a concepção instintiva da violência, que acarreta uma generalização desse conceito. Como proposta de entendimento, elas sugerem que a violência seja compreendida pelo desejo de destruição que envolve a dimensão simbólica dos sentidos e as representações agregadas às pulsões. Para



essas pesquisadoras, nomear um tipo específico de violência como o *bullying*, e mais estratificamente o *bullying* homofóbico na escola, descola esse fenômeno do seu (maior) contexto social, ou seja, a violência.

A partir dos resultados das diferentes pesquisas veiculadas neste campo discursivo, chegamos aos seguintes enunciados sobre a homofobia na educação escolarizada: opção sexual/orientação sexual, tolerância, homofobia e *bullying*.

O SIFG se constituiu como campo discursivo de embates de cunho epistemológico, pois os enunciados de opção sexual/orientação sexual, tolerância e *bullying*, neste campo discursivo, estão em tensão, uma vez que são tratados e usados de forma bem diferente pelos(as) autores(as), cada qual argumentando o seu uso ou o seu não uso para a análise da homofobia na escola.

Segundo Alexandre Rossi (2008) na análise da homofobia na escola, o uso do enunciado da tolerância acaba incorporando o discurso neoliberal, uma vez que a perspectiva individualista presente nesse conceito se aproxima de uma política neoliberal, na qual cada grupo específico deve lutar exclusivamente pelos seus direitos, anulando qualquer olhar mais ampliado.

Além disso, argumenta que assim como temos duas classes sociais, na relação de tolerar o outro, também é formado um binarismo, entre quem tolera (superior) e quem é tolerado (inferior). Por fim, o autor acredita que o uso de tais enunciados pelo governo tem por fim transferir as responsabilidades das desigualdades sociais aos cidadãos.

Desta forma, o discurso científico não provocaria transformações na forma de pensar a homossexualidade no tempo e contexto ao qual foi veiculado. Por outro lado, como podemos perceber na análise do SIFG, existem autores(as) que pautam suas fundamentações e, mais do que isso, projeções de uma possível resistência/transgressão das condições históricas atreladas à homofobia no contexto da educação escolarizada a partir desses enunciados.

É importante destacar que, ao fazerem uso desses enunciados, os(as) autores(as) não expressaram discursos homofóbicos, longe disso, uma vez que tais enunciados contribuem em suas argumentações para analisar qualitativamente seus resultados de pesquisa.



4. Considerações finais

Após as análises do campo discursivo Seminário Internacional Fazendo Gênero, destacamos o embate de posições epistemológicas opostas ao uso e ao não uso dos enunciados opção sexual/orientação sexual, tolerância, homofobia e *bullying*. Para alguns pesquisadores(as) aqui analisados, esses enunciados estão mergulhados e enraizados no discurso neoliberal e servem para falsear uma aparente conquista ou apoio aos homossexuais e a luta contra a homofobia.

Outro dado relevante foi que, no SIFG, a homofobia passou a se configurar como uma problemática de investigação científica a partir de 2008, com a apresentação de um trabalho completo sobre homofobia no contexto escolar. Acreditamos que uma relevante contribuição para tal emergência foi o lançamento do Programa Brasil sem Homofobia, que ocorreu em maio de 2004. A partir desse ano, as ações se iniciaram, como por exemplo, o oferecimento de curso de capacitação aos(às) professores(as), chamado Gênero e Diversidade na Escola, decorrente dessas ações surgiram pesquisas e com isso a veiculação de seus resultados foi ganhando em proporção e qualidade, o que acreditamos que tenha levado aproximadamente 4 anos.

É neste cenário que a escola, historicamente, e por intermédio do estabelecimento de políticas, vem cumprindo, segundo Foucault (2004), o seu papel de instituição disciplinadora, aquela que vigia e pune os corpos dos(as) alunos(as) que ousam escapar da domesticidade à qual este espaço tem por função constituir. Apesar desse lugar disciplinador, a escola é, também, um local de ampliação da dimensão de desenvolvimento de relações sociais e de conhecimento onde outras possibilidades de acolhimento à diversidade sexual se constituem.

Assim sendo, ao se tratar de homofobia, poderíamos dizer que tanto a escola como as famílias educam no sentido de normalizar seus alunos/filhos a uma sociedade que deve ter na heterossexualidade sua única forma de expressão. Para tanto, cabe a vigilância constante, uma vez que não se trata de algo natural e, quando percebido pelos diferentes modos de exames, que a homossexualidade está presente nos corpos de seus membros, a punição cumprirá seu papel de proporcionar a volta à norma. Não é de se estranhar que, para encerrar seu livro *Vigiar e Punir*, Foucault (2004, p. 187) nos deixa a seguinte questão: “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?”.



Falar em sexualidades envolve diferentes relações de saber-poder, com vista às práticas dos sujeitos, tornando-se uma questão de ordem multifacetada, e assim, desafiadora, na medida em que as instituições escolares são espaços sociais, que refletem contradições e diferentes interesses, ganhando contornos diversos e, muitas vezes, perversos, sobretudo, quando lidam com questões relacionadas à homofobia.

Referências

- DIAZ, G. A.; SOUZA, M. *Bullying* homofóbico: um nome “diferente” para a violência? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-9. Disponível em: <http://bit.ly/33uUhbN>. Acesso em: 23 maio. 2015.
- FERRARI, A. “Devido ele ser *afeminado*. Foi constrangedor porque ele era meu amigo e ainda me envolveram na questão”: *bullying* e homofobia na escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. p. 1-6. Disponível em: <http://bit.ly/2TVpSAh>. Acesso em: 23 maio 2015.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GATO, J.; LEME, V. B. R.; LEME, A. A. Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 11. Disponível em: <http://bit.ly/39UBj0G>. Acesso em: 23 maio 2015.
- GONÇALVES, L. C. A diversidade sexual na escola: inserindo-se a abordagem do tema no currículo de uma escola técnica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-9. Disponível em: <http://bit.ly/2weXX5l>. Acesso em: 23 maio 2015.
- PEÇANHA, M. B.; DEVIDE, F. P. A prática pedagógica em relação ao *bullying* homofóbico nas aulas de educação física escolar: o discurso dos docentes do primeiro segmento do ensino fundamental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-12. Disponível em: <http://bit.ly/2ISW7K9>. Acesso em: 23 maio 2015.
- ROCHA FILHO, J. S. O currículo escolar e as relações de heterossexismo e homofobia na educação básica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-9. Disponível em: <http://bit.ly/3d3WD5U>. Acesso em: 23 maio 2015.
- ROSA, M. V. *Discursos científicos sobre a homofobia no processo de escolarização: enunciados e problematizações*. 2016. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.



ROSSI, A. J. Políticas para homossexuais: uma breve análise do programa Brasil sem homofobia e do tema transversal orientação sexual. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 8., 2008, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. p. 1-7. Disponível em: <http://bit.ly/2U007yR>. Acesso em: 23 maio 2015.

SALA, A.; GROSSI, M. P. “Somos iguais nas diferenças sexuais: homofobia, lesbofobia e transfobia nunca mais”. Análise dos discursos contra a violência heterossexista produzidos por adolescentes brasileiras/os no marco do projeto papo sério. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10., 2013, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 1-11. Disponível em: <http://bit.ly/33oMQDb>. Acesso em: 23 maio 2015.

SANTOS, A. E. C.; CARVALHAIS, A. C.; HANKE, W. Relações entre homossexualidade, espaço escolar e preconceito em Ponta Grossa – Brasil. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10., 2013, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 1-10. Disponível em: <http://bit.ly/2Useyef>. Acesso em: 23 maio 2015.

SANTOS, L. N.; SILVA, A. M. Corpo, gênero e sexualidade: para além de educar meninas e meninos. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 8., 2008, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. p. 1-8. Disponível em: <http://bit.ly/3d68Ozj>. Acesso em: 23 maio 2015.

SOUZA, L. L.; MEDEIROS, P. A.; DUARTE, J. F. Gênero, sexualidade e ética na educação: um estudo com professores sobre a homofobia na escola. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 9., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-10. Disponível em: <http://bit.ly/2x1GaP7>. Acesso em: 23 maio 2015.

